

# A censura na correspondência em Portugal

*As marcas de censura na comunicação postal e telegráfica constituem sinais de regime determinantes da vida política, social e cultural do nosso país. Em análise nesta mostra de mérito filatélico, «A Censura Postal em Portugal nos sécs. XIX e XX, estão dezenas de peças que testemunham os abusos do Estado numa série de áreas.*

**A**s marcas da censura na correspondência são os motivos desta colecção particular de Joaquim Lobo, a qual constitui um património de grande importância para a análise

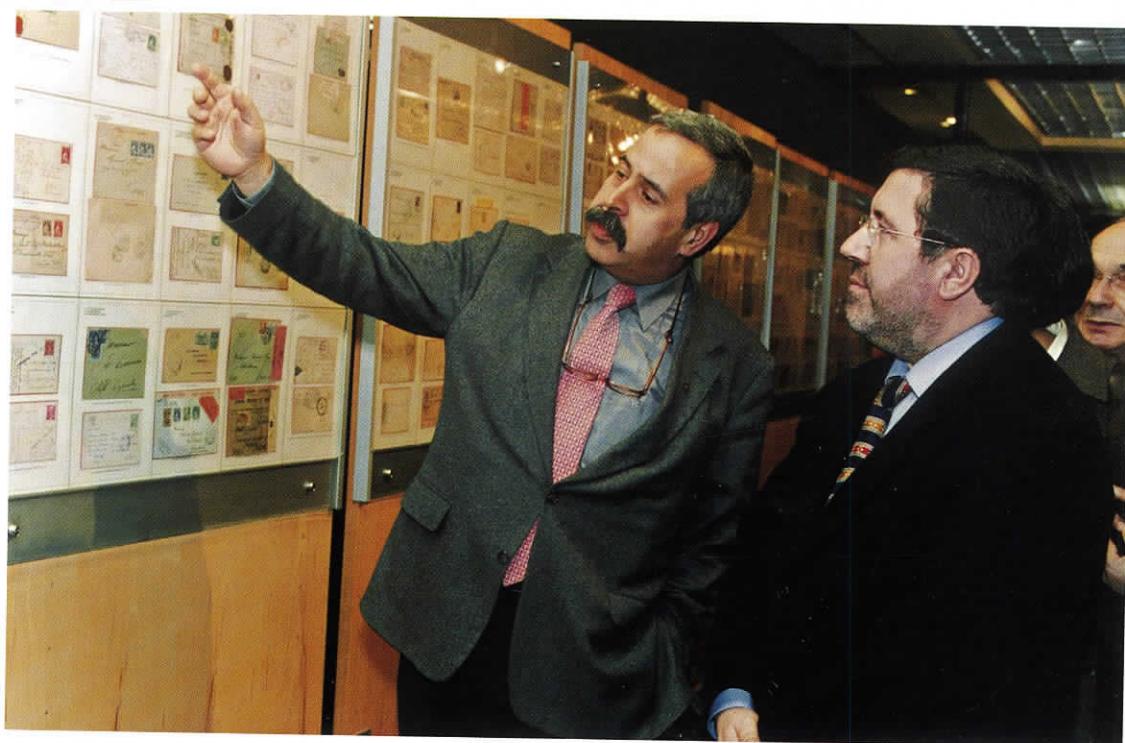
se da censura em Portugal nos últimos dois séculos.

Foi esta mostra de mérito filatélico que pudemos apreciar no Museu das Comunicações entre 15 de Março e 15 de Maio.

A colecção apresenta a censura exercida nos meios de comunicação postal e telegráfica, através do estudo das marcas utilizadas nas correspondências.

De acordo com Joaquim Lobo, «a censura foi desde os tempos mais remotos uma arma utilizada pelos regimes políticos, autoridades religiosas, militares, etc., para evitarem a divulgação de novas ideologias, novas religiões ou a transmissão de informações de carácter estratégico-militar, em caso de conflito».

«No Portugal Continental, Insular e Colonial, por razões de carácter político-social e militar, a censura foi uma realidade constante ao longo deste século. Os grandes conflitos da primeira e segunda guerras mundiais, as grandes convulsões sociais e políticas foram um manancial de marcas de censura postal».



A colecção encontra-se organizada de acordo com três temáticas: «Na Primeira Guerra Mundial», «Na Segunda Guerra Mundial» e «Nas Cadeias Civis».

«Na Primeira Guerra Mundial, a censura foi praticada no continente com centros em Lisboa e Porto, nos arquipélagos insulares e colónias», refere o colecionador. «A participação de Portugal na Primeira Guerra Mundial em França, com o CEP, deu azo ao aparecimento de marcas próprias do Corpo Expedicionário Português em território francês. Outras marcas que apareceram no grande conflito de 1914-1918 foram as dos campos de concentrados alemães, sendo de notar que os campos de Peniche e Caldas da Rainha tinham um serviço de censura comum, pois a marca utilizada nas correspondências de ambos os campos é igual».

No que respeita à Segunda Grande Guerra, nas palavras de Joaquim Lobo, «o destaque maior vai para o Arquipélago dos Açores, dada a enorme variedade de marcas de censura, em virtude do grande número de unidades militares mobilizadas para a sua defesa. Houve também censura nos arquipélagos da Madeira e Cabo Verde, mas com menor número de marcas, dado que foram guarnecidos com menos unidades».

A temática da censura nas cadeias civis é marcada sobretudo, como é fácil compreender, pela censura da correspondência dos prisioneiros políticos. Como nos diz Joaquim Lobo, «a censura aparece quase sempre em correspondência de presos políticos, sendo de destacar as do tristemente célebre campo do Tarrafal, assim como do Forte de Caxias, Aljube, Fortaleza de Peniche, Fortaleza de Angra».

São, pois, várias dezenas de peças de grande importância e interesse, pelo testemunho histórico que nos fazem, para além dos abusos de Estado em áreas específicas fundamentais, das marcas de regimes que marcaram épocas determinadas da vida política, social e cultural do nosso país – frequentemente nem muito distantes do nosso tempo.

